

Universidade Estadual Paulista
"Júlio de Mesquita Filho"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara

Claudia Megale Adametes

CATADORES (AS) DE LIXO EM TRAJETÓRIA: BUSCA DO LUGAR SOCIAL

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras,
Campus de Araraquara, para a obtenção do título de
Doutora em Sociologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Lucila Scavone

ESTE DOCUMENTO FOI OBTIDO ATRAVÉS DO

**PROGRAMA
DE COMUTAÇÃO
BIBLIOGRÁFICA**

CAPES/SESU/FINEP/IBICT

0300087613



ARARAQUARA

2006

DADOS CURRICULARES
CLAUDIA MEGALE ADAMETES

NASCIMENTO 8.11.1972 - São Paulo/SP

1990/1994 Curso de Graduação em Sociologia

Faculdade de Ciências e Letras/Campus Araraquara/UNESP

1996/1999 Curso de Pós Graduação em Sociologia, nível de Mestrado

Faculdade de Ciências e Letras/Campus Araraquara/UNESP

2001/2006 Curso de Pós Graduação em Sociologia, nível de Doutorado

Faculdade de Ciências e Letras/Campus Araraquara/UNESP

03-09/2005 Estágio Sanduíche

CES (Centro de Estudos Sociais)/FEUC (Faculdade de Economia)

Universidade de Coimbra, Portugal

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, com todo o respeito. Respeito que devemos a estas pessoas a quem chamamos catadores (as) de lixo.

AGRADECIMENTOS

Início este espaço com gratidão à força geradora que a tudo rege, à qual também costumamos dar o nome de Natureza e, permanecendo nessa inspiração, estendo esse sentimento à minha mãe, Rosa Maria. Nesse mesmo plano, elevados os pensamentos, incluo aqui meus queridos professores no sempre da vida, Mestre Irineu e Padrinho Sebastião. Também aqui, bem ao lado, está meu irmão Henrique. E minhas irmãs e irmãos de caminhada Laura, Val, Alê e João. E toda a irmandade. Meu Padrinho Fábio e minha Madrinha Suzana. Meus amigos, todos, mas especialmente Carlinhos, Rosa, Miranda; Cris, Zé, Jean e Jacaira (que cuidaram de mim, com amor, em Portugal). Meus companheiros do cotidiano Zé Rodrigo e Rafael - ao Zé pela força nesse finalzinho.

Lucila, te agradeço o carinho, a amizade, a confiança, o aprendizado, a paciência, a energia e a firmeza - orientações dessa trajetória intelectual e pessoal. Obrigada pelos conselhos e ensinamentos, D. Lurdes, D. Divina e D. Maria! E grata pela confiança, pelo compartilhamento de tantas idéias, Lena. Agradeço, aqui, a todo (as) com os (as) catadores (as) com os (as) quais estive na Acácia e antes dela, por me abrirem seu universo e fornecerem o motivo e a lenha desse trabalho. Muito obrigada professora Vera Botta, por seu carinho, disponibilidade e generosidade, do início ao fim! E obrigada professor Luiz Felipe Silva, por instigar tão dinamicamente minhas reflexões nos últimos tempos. Professora Eliana Sousa Melo, agradeço, com carinho, sua simpatia e sintonia com minhas idéias e formas de expressão. Envio, daqui meu agradecimento ao professor Boaventura Sousa Santos, por me receber na Universidade de Coimbra com toda a atenção e respeito: obrigada pela oportunidade de realizar tantas trocas, pelas sugestões e orientações. E aproveito para agradecer a todos (as) os funcionários (as) do Centro de Estudos Sociais, ligado a esta instituição. Grata, meus amigos de Araraquara Luiz, Reginaldo e Meire que, em momentos tão diferentes, foram importantes à sua maneira e meus amigos e amigas de Coimbra. Agradeço cordialmente à CAPES, pelas condições objetivas de realização desta Tese e pela estrutura fornecida pela Faculdade de Ciências e Letras - às 'meninas' do Pólo Computacional, da Biblioteca e às Secretárias do Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Sou grata, por fim, a todos (as) os (as) funcionários da FCL/Campus de Araraquara.

RESUMO

Em março de 1994, cerca de 60 catadores (as) de lixo que trabalhavam e moravam há 20 anos no lixão do município de Araraquara, interior de São Paulo, foram afastados (as) do local por determinação do poder público. Na ausência de alternativas econômicas, o fato gerou uma série de resistências no decorrer destes anos, por parte destas pessoas que até recentemente ali retornaram em busca de sustento, desafiando a vigilância. O objetivo desta pesquisa é a compreensão desse processo a partir da reconstituição das trajetórias dessas (es) trabalhadoras (es) - em sua relação com as políticas públicas - desse momento aos dias atuais, quando está em curso uma iniciativa associativa. Na abordagem do cotidiano e na reconstituição das histórias de vida a partir do resgate das memórias, residem os fios condutores das nossas análises. A partir desta percepção, afirmamos a idéia de que no universo das estratégias de elaboração da vida nos tempos das globalizações, se potencializam energias para a produção de ações de contraponto às viciosas forças vigentes.

Palavras-chave: catadores de lixo, pobreza, associativismo, cotidiano.

ABSTRACT

On March of 1994, about 60 catcher's garbage that had worked and lived from 20 years in the landing of garbage in Araraquara city, São Paulo. They had been moved away from the place. The understanding of this process - in the horizon of the quarrels on exclusion-inclusion and social politics - and the trajectories of these people - the landing of garbage to one recent associative initiative. It's the objective of this research. Through the studies about daily and reconstitution of life histories, in the rescue of the memories, we find some points of our analyses and we believe that universe of strategies of elaboration's life, in a globalizations time, the alternative and energies are increased for the action production that are counterpoints to the vicious effective social forces.

Método para compreender as imagens, os símbolos.
Não tentar interpretá-las, mas olhá-las até que jorre a luz.

Simone Weil

Introdução

| | |
|--|----|
| 1. Nota sobre o caráter dinâmico do campo de pesquisa..... | 28 |
|--|----|

Capítulo um

Contextos: compreender a questão

| | |
|---|----|
| 1. Movimentos: retorno aos fatos e experiências captadas..... | 39 |
| 2. O lixão: sentidos de pertencimento..... | 48 |
| 2.1. Comer lixo: um episódio e uma reflexão..... | 57 |

Capítulo dois

Trajetórias: as mães de todos

| | |
|--|-----|
| 1. Visibilidades reveladas em campo: primeiro momento da pesquisa..... | 66 |
| 2. Vozes..... | 71 |
| 2.1. D. Lurdes: o destino..... | 74 |
| 2.2. D. Divina: a família..... | 79 |
| 2.3. D. Maria: a união..... | 94 |
| 2.4. Considerações..... | 102 |

Capítulo três

Percurso da Pesquisa: um segundo momento

| | |
|--|-----|
| 1. A Associação Acácia: uma breve descrição..... | 106 |
| 1.1. A lógica do máximo reaproveitar..... | 108 |
| 2. Lixão: resistências e pertencimento..... | 110 |
| 2.2. Raízes..... | 113 |
| 3. Novos contextos: de volta ao campo de pesquisa..... | 118 |
| 3.1 Elementos complicadores: a esteira parada e a ‘nova associação’..... | 124 |
| 3.2. Sandra: a liderança..... | 127 |
| 3.3. Considerações..... | 134 |

Capítulo quatro

A busca do lugar social

| | |
|--|-----|
| 1. A partir de um protagonismo..... | 137 |
| 1.1. Lena: a luta..... | 140 |
| 2. Em meio a encruzilhadas e lugares institucionais: projeto de coleta seletiva..... | 145 |
| 2.1. Meandros da implantação do projeto..... | 152 |
| 2.2. Meandros da transição para o estatuto de cooperativa..... | 155 |
| 2.3. Considerações..... | 158 |

Capítulo cinco

Cenários de uma discussão ampliada

| | |
|--|-----|
| 1. O fio da meada: a questão do lixo..... | 160 |
| 2. Solidariedade em novas roupagens: a questão social do ponto de vista oficial..... | 168 |
| 2.1. As falas que organizam o Programa Comunidade Solidária..... | 170 |
| 3. Economia Solidária e espaços emancipatórios..... | 175 |
| 3.1. Nota sobre o contexto regional: 1º Encontro de Catadores | 178 |
| 3.2 Contraponto..... | 180 |
| 4. O Movimento Nacional de Catadores (as): reivindicações inclusivas..... | 181 |
| 4.1. Considerações..... | 186 |

Considerações finais.....188

| | |
|--|-----|
| 1. Um pequeno passo para prosseguir..... | 190 |
|--|-----|

Nota metodológica.....191

Bibliografia..... 206

Anexos.....207

Introdução

A passagem para o lugar de pensar pede deslocamento: na sociedade de classes, para os que por nascimento caíram do lado dominante, a comunicação com cidadãos das classes populares pede muitos deslocamentos, pede várias vezes o deslocamento para bem longe de casa. Pede deslocamentos que dão em descolamento, descolamento de classe e culminam num outro ponto de vista: literalmente, culminam num outro ponto no mundo de onde nossa visão vai ver o que não via antes.

José Moura Gonçalves Filho

Este trabalho é resultado de uma pesquisa sobre trajetórias de catadores (as) de lixo na cidade de Araraquara, 190 mil habitantes, interior do Estado de São Paulo, elaborada nos últimos dez anos: classificadas e invisibilizadas sob mecanismos que produzem uma espécie de cegueira pública que *estigmatiza*¹, humilha e silencia, essas pessoas têm desenvolvido, num contra-fluxo, modos de sobrevivência e de busca de um lugar social numa resignificação das suas vivências, referências e ações. Nossas reflexões nesse sentido estão dispostas em dois momentos, compondo um ciclo de pesquisas sobre o tema: entre 1994 e 1999 entramos em contato com a temática e desenvolvemos a Dissertação de Mestrado *O olhar da inclusão: possibilidades de pesquisa de campo com catadores (as) de lixo*; de 2002 a 2006, realizamos esta Tese em desdobramento, retomada e avanço das questões apresentadas nos anos anteriores.

Neste trajeto, trazemos à tona o protagonismo destes sujeitos numa crítica a olhares e análises fundamentados exclusivamente no campo das referências estruturais que os lançam aos registros da pobreza, da precariedade do trabalho, da vida, à incivilidade, classificando-os como excluídos sociais. A ampla expressão *exclusão social* que, ao reunir sob uma etiqueta comum flagelos sociais² de naturezas diversas, torna-se imprecisa e generalizante, denuncia um movimento de negação como decisão histórica e cultural de criar interdições, revelando um sentido humano atado ao restringir potencialidades.

No âmbito da produção e do consumo, como determinação empírica presa à situação do 'não ter', a idéia da persistente pobreza brasileira abordada ao longo dos anos

¹ Na concepção de Goffman (1982), no quadro das categorias estabelecidas socialmente no qual o indivíduo é capaz de prever seu pertencimento e classificar o de outrem, definindo assim as identidades sociais, *estigma* é atributo que lança descrédito profundo, referente a um determinado estereótipo social.

² "(...) representações ou práticas coletivas que produzem o conflito, a desagregação, a morte social e biológica (ruptura do laço social); assim como os 'males sociais', espécie de doenças que gangrenam o tecido das relações sociais e envenenam as perspectivas de futuro (tensão do laço social)" (Xiberras, 1993, p.23)

como “*espelho invertido de uma modernidade pretendida como projeto*” se fecha à reflexão crítica e escapa: “*Nesse registro, a pobreza é transformada em natureza, resíduo que escapou à potência civilizadora da modernização e que ainda tem que ser capturado e transformado pelo progresso*”. (Telles, 2001, p.20) Neste processo, despojadas da dimensão ética, as figuras da pobreza denunciam um padrão de sociabilidade no qual institui-se a contraposição entre o excluído e o sujeito de direito. Neste movimento, a cidadania negada constrói uma identidade experimentada *em negativo*.

Ao considerarmos que a História se inscreve no cruzamento das ações dos sujeitos com as estruturas, lugar das existências individuais e coletivas, a pobreza como fator de exclusão é percebida como vivência que produz *modos de vida*³ e *experiências* a perpassarem as esferas sociais nas relações dos indivíduos em seus espaços. A fim de captar essas experiências nos concentramos, no decorrer deste trabalho, nas discussões metodológicas, epistemológicas e nas ações práticas que envolvem a abordagem e o *artesanato intelectual* (Mills, 1982), o fazer minucioso do objeto de pesquisa nas Ciências Sociais e afirmamos uma reorientação do teor do olhar e do lugar enquanto pesquisadores (as), na ultrapassagem de uma racionalidade que se quer a única, dominante, globalizante modo de ver as coisas.

Essa manobra de reorientação se fundamenta no exercício do aprofundamento da relação pesquisador (a)-pesquisado (a) possibilitado, por sua vez, pela abordagem da realidade social enquanto “vida social”, centrando o trabalho sociológico na análise das estratégias dos atores, na identificação dos fenômenos e das relações sociais:

Em lugar de descrever os mecanismos de um sistema social, da sua integração e da sua desintegração, da sua estabilidade ou mudança, os sociólogos devem voltar o estudo das respostas sociais à análise dos mecanismos de autoprodução da vida social. (Touraine, 1984, p.31)

³ Aqui a temática dos *modos de vida* significa não uma extensão dos estudos sobre “condições de vida” ou “estratégias de sobrevivência” próximas às reflexões sócio-econômicas e sócio-políticas nas quais as práticas sociais figuram frequentemente como efeitos condicionados das estruturas, “(...) *mas contém uma preocupação principal de ruptura da dicotomia entre condições e práticas subjetivas, pensadas sob a ótica da relação causa/efeito* (...)”. (Lobo, 1992, p.09)

Reconhecendo as ações dos atores em questão, suas experiências e compreendendo seus modos de vida, ao reinseri-los nas tramas das relações sociais, iluminam-se compreensões que apontam, no campo das políticas públicas, para possibilidades de criação de projetos de intervenção social pautados em seu protagonismo. Ao focalizarmos os movimentos de inserção⁴ preconizados pelos (as) catadores (as) em diversos momentos de sua trajetória, revelam-se vozes que descrevem visibilidades e a afirmação de um lugar social tecida todo o tempo: “*A gente é trabalhador!*” (‘Voz coletiva’ captada em muitas falas desta pesquisa, que soa como “*A gente é gente!*”).

É fundamental, neste ponto, demarcar o caráter violentamente degradante atribuído socialmente a catadores (as) de *lixo* a gerar exploração, humilhação e sofrimento prolongados e incorporados, a solapar sua humanidade, lançando-os à categoria de bichos, ao nível da irracionalidade. Não falamos aqui de qualquer bicho: nos referimos a abutres, urubus à cata de carniça, porcos a chafurdar no resto - expressões recorrentes para designar catadores (as)⁵. Nesse sentido, a marca principal deste trabalho, unida às suas vozes, é a busca de seu estatuto de humanidade sem o qual nenhuma análise, proposta alguma, é possível. Buscamos a compreensão dos sujeitos submersos em significações sociais estigmatizantes elaboradas por concepções estáticas das desigualdades sociais presas a uma *razão de caráter indolente* (Santos, 2002c), fundamentada por uma racionalidade dominante, centralizada, linear, que restringe as chances de enxergar dos pontos de vista das experiências sociais:

Para combater o desperdício da experiência social (...) é necessário propor um modelo diferente de racionalidade que expanda e focalize o presente a fim de criar o espaço-tempo necessário para conhecer e valorizar a inesgotável experiência social que está em curso no mundo de hoje. (p. 736)

⁴ Exclusão e inserção são “*conceitos com valor relativo que dependem do espaço ao qual fazem referência implícita (...) [como] relações econômicas, instâncias sociais, laços simbólicos ou lugares geográficos*” (Xiberras, 1993, p.26) Neste estudo, consideramos movimentos de inserção as ações dos sujeitos nos sentidos da luta por reconhecimento no contraponto a referências sociais produzidas negativamente.

⁵ A expressão *abutre* em referência a catadores (as) é recorrente e foi utilizada pelos meios de comunicação locais: “(...) se confundem com os próprios abutres em baixo dos caminhões de lixo”. (Jornal *O Imparcial*, 1992) Na contrapartida, na afirmação de seu lugar, há o rebate “*A gente não é abutre não, a gente trabalha aqui no lixão*”. (Ondina, 32 anos, ex-catadora do lixão de Araraquara, 1994. Ênfase realizada na fala)

Ao realizar uma reflexão teórica e epistemológica nesse sentido, pudemos detectar as invisibilidades produzidas por uma razão totalizante e trazer à tona as experiências dos sujeitos, num exercício sociológico das *ausências*, ao abordar a pobreza como vivência no tempo presente na contrapartida da idéia de algo que o progresso inscrito no futuro resolverá. Ao trazer à tona as vozes, ao reconhecer e compreender seus tons - *traduzir* -, os pontos de vista, as lógicas e as reais demandas dos (as) catadores (as) para além de sua condição de exclusão, podemos apontar visibilidades e, só a partir deste ponto, potencialidades para a mudança e superação de sua malfadada condição, rumo à idéia de *emergência social*. (Santos, 2002c)

Através do trabalho de campo fundamentado em observação participante (Thiollent, 1988) e em relatos orais obtidos de entrevistas realizadas em profundidade, captamos as vivências desdobradas em *cotidiano* compreendido não somente como lugar da reprodução ‘dura’ da vida em suas formas de organização social, mas como espaço de “encantamentos e utopias”, das contradições que alavancam a criação e o anúncio do possível. (Martins, 1998). Neste sentido, o foco deste trabalho está muitas vezes mais nos sujeitos do que nos processos, na caminhada mais do que na estrada, nos pés do que no chão.

Foi deste lugar, portanto, que pudemos captar as experiências de catadores (as) de lixo que moraram e trabalharam por longo tempo no lixão⁶ do município referido mediante os impactos de uma intervenção pública - orientada por denúncias descritas adiante - realizada entre 1994 e 1995 que implicou em sua pouco planejada remoção do local⁷, que foi cercado e colocado sob reforçada vigilância. Despojadas de sua via de sustento e afastadas de seu lugar de moradia (foram estes seus sentimentos) essas pessoas,

⁶ Designam-se *lixões*, vazadouros a céu aberto, comportando uma simples descarga dos resíduos sobre o solo, não incluindo nenhum controle sobre o tipo de material recebido, nem observando nenhuma medida de proteção ao meio ambiente ou à saúde pública. (CEMPRE, 2000) Em Araraquara, por passar por uma reestruturação iniciada em 2003, o local está atualmente classificado pela CETESB como *aterro controlado*, como veremos adiante. Nesse sentido, no decorrer do texto, utilizamos tanto as expressões *lixão* ou *depósito de lixo*, como a expressão *aterro*.

⁷ A remoção (também utilizamos no decorrer do trabalho a expressão *despejo*, mais referida pelos/as catadores/as) acontece em caráter de ‘negociação’: os (as) trabalhadores (as) foram notificados (as) da ação, realizaram-se conversas, mas não havia, de ambas as partes, uma consciência da dimensão da questão.

identificadas numa referência à fonte de seu próprio sustento, o lixo⁸, passam a contar com auxílios solidários emergenciais que deixam em suspenso uma situação que se prolonga, vazia de perspectivas e insustentável, por cerca de três anos:

A cidade se exime da responsabilidade sobre o que remete ao depósito [referência ao então lixão da cidade de Salvador, Bahia, atualmente classificado como aterro controlado] e atribui aos que ali trabalham um significado que não decorre apenas do lixo como tal, mas da relação com o objeto descartado. (Moura; Gonçalves, 1989, p.18)

Reconstituir tais fatos e perceber as implicações das políticas públicas e das redes de auxílio direcionadas a estes (as) trabalhadores (as) no momento, dos seus e dos pontos de vista dos outros atores envolvidos no processo ou, em outras palavras, “compreender relacionalmente os processos” (Bourdieu, 2000), compôs nosso objetivo na elaboração da Dissertação de Mestrado, desencadeada a partir da questão inicial: *Quem são estas pessoas que vão ao lixo em busca de sustento?*

Nosso intuito com esta indagação que, em seus desdobramentos, perpassa toda a elaboração desta Tese, tem sido o de conhecer os sujeitos invisibilizados pelos estigmas do pobre coitado, marginal, vagabundo e captar, nas suas ações e em suas concepções de si, a partir da construção de sua “história social” (Bourdieu, 1996), brechas para a elaboração de caminhos na superação das situações de precariedade e fragilidade paralisantes alimentadas pelas abordagens e intervenções políticas de caráter assistencialista que, ao desvalorizar a organização e os significados das vidas das pessoas, reafirmam os processos excludentes e bloqueiam possibilidades. A prática da assistência no Brasil encontra espaço na incivilidade das relações sociais ancorada em um modelo de cidadania definida nos termos da proteção do Estado, o lugar dos não-direitos, “(...) onde a pobreza vira carência, a justiça vira caridade e os direitos viram ajuda”; cria-se, assim, a figura do necessitado sob o estigma da carência. (Telles, 2001)

⁸ *Lixo*: Coisa ordinária, malfeita, feia; pessoa sem qualquer dote moral, físico ou intelectual; A camada mais baixa da sociedade; escória, ralé. (Dicionário Houaiss)

Neste primeiro momento de pesquisa, entre 1994 e 1999, ouvindo e sobrepondo as vozes que denominamos *pontos de vista: na pele* (falas dos/as catadores/as) e *olhares estrangeiros* (outras falas: poder público⁹ e redes de auxílio ligadas à benemerência), apreendemos positivities inscritas no reconhecimento de seus modos de vida nas instâncias familiar e simbólica e *resistências* dos (as) trabalhadores (as) no sentido de afirmação dos seus lugares sociais a partir da defesa da *catação* - atividade precária, árdua, de recolha e separação de material reaproveitável em meio ao lixo bruto - como *trabalho*, no contraponto das idéias então lhes atribuídas socialmente de desorientação e vagabundagem (Adametes, 1999). Aqui cabe a ressalva de considerarmos firmemente que catar lixo bruto em meio a montanhas de sacolas plásticas e abri-las uma a uma à busca do reaproveitável jamais pode ser considerado fator de positividade de nada ou algo reconhecido como *digno*, mas o fato é que, para os (as) catadores (as), numa inversão, representa atividade assumida como trabalho a atribuir estatuto - mesmo que às avessas - de *gente*, na contracorrente (imprescindível de ser demarcada) de percepções dissimuladamente agressivas embaladas pela compaixão:

(...) eles não são umas pessoas orientadas, uma judiação... Eles vivem que nem bicho, você está entendendo? Eles têm preguiça de lavar banheiro... Tem dez mulheres pra lavar um banheiro, uma briga com a outra: hoje é você, ontem eu lavei. Eles são criados assim, sem identidade mesmo, então é preciso alguém fazer alguma coisa. (Eunides, com gravador, março, 1995)¹⁰

⁹ Referência aos agentes ligados diretamente à Prefeitura Municipal.

¹⁰ 'Dona' Eunides, 52 anos, atuava então como Presidente da Associação de Bairro do Santana e junto à Pastoral Social (entidade assistencial ligada à Igreja Católica), fazendo parte da rede de assistência criada na época para assessorar os (as) catadores (as) que, despejados do lixão, foram alojados (as) emergencialmente em uma creche desativada no referido bairro.

Como se trata de um ciclo de pesquisas, utilizamos trechos de entrevistas referentes ao Mestrado (1994-1999) e Doutorado (2002-2006). Os nomes citados (da maneira como estiveram referidos nas conversas e entrevistas) e a forma original das falas foram mantidos com autorização dos (as) entrevistados (as). A intervenções no tratamento das falas foram mínimas, restritas aos excessos e aos arranjos das concordâncias verbais e nominais para garantir legibilidade e compreensão; algumas palavras como "num" em lugar do "não" foram substituídas.

Pelas mãos da pesquisa de campo e na busca da percepção da ‘humanidade solapada’ daqueles catadores (as), entramos no universo das trajetórias de trabalhadores (as) de uma vida toda de atividades braçais, vetado o acesso à formação escolar mínima: uma primeira geração de ex-trabalhadores (as) rurais (pessoas hoje entre 60 e 70 anos de idade que, a partir de determinado momento, criaram seus filhos e estes, seus netos, com a renda adquirida da catação de lixo) nascidos (as) nas fazendas da região, em sua grande maioria mulheres chefes de família, lançados (as) às margens do mercado formal nos últimos vinte anos pelos processos de precarização e mecanização do trabalho no campo. Pessoas ao invés de “abutres” que, paralelamente a outras tantas atividades de caráter temporário, pouco especializado e precário, chegaram à catação no lixão que se transforma lamentavelmente em uma via de sustento da família e última, sobrança alternativa econômica no planejamento da vida.

Através da compreensão da produção das estruturas simbólicas (Bourdieu, 2001), da revalorização da experiência reivindicada e nos protestos “contra o empobrecimento da vida” (Benjamin, 1983) e a “opacidade do pensamento” (Thompson, 1978), ultrapassamos o senso comum e aprendemos outro olhar capaz de perceber a unidade da equação pobreza-cidadania na trama das relações sociais, deslocando a pobreza da esfera estrutural onde figura como resíduo de atraso, “avesso de um país que se quer moderno”:

Colocada fora da trama das relações sociais e esvaziada de sentido moral, a pobreza escapa ao espaço da ação política, sendo relegada ao universo assistencialista da caridade - que protege os que estão fora da cidadania, mas cidadania de fato não lhes confere. (...) De indício de um atraso a ser superado, algum dia, pelas forças do progresso, a pobreza passa a ser uma cifra de nossa própria modernidade, incompleta, defeituosa e, mais recentemente, atrelada às transformações violentas da globalização. (Telles, 2001, p. 33)

Nesse deslocamento, recuperamos a dimensão ética da questão ao apresentarmos os (as) catadores (as) como autores de suas vidas e planejadores de seus destinos e afirmamos que, ao efetuarmos a transição da questão da pobreza do campo da natureza (pobreza como vício de caráter, falta de vontade) para o campo da cultura (experiência da pobreza) compreendemos os movimentos de elaboração das identidades realizados e

percebidos nos lugares simbólicos da vida social e reconhecemos a *pessoa* com direito de ser sujeito. Nesta passagem, residem os espaços para a realização da cidadania: é no reconhecimento do outro como *sujeito* que estão as possibilidades de “enraizamento da cidadania nas práticas sociais” e da construção de uma sociabilidade fundada na equidade e na justiça. (Telles, 2001)

Possibilitados pelo exercício deste posicionamento metodológico orientado por um direcionamento teórico-epistemológico que possibilita, por sua vez, a reorientação do olhar científico para os *fazeres* dos sujeitos (no sentido das práticas cotidianas simultaneamente objetivas e simbólicas), os resultados obtidos na pesquisa de Mestrado apontaram para um repensar da temática dos (as) catadores (as) no sentido do reconhecimento de suas práticas, capacidades e expectativas. Desta forma, a dinâmica da pesquisa de campo indicou visibilidades ao revelar pessoas com sonhos, planos, expectativas, habilidades profissionais, em situação de sofrimento, humilhação, revolta e resistência, de inconformismo diante de um contexto - estrutural - de precariedade e tensão extremas de vida *acentuadas* pelo processo de despejo do lixão.

•

De volta aos fatos, entre 1994 e 1997, foi se constituindo, diante da remoção, um cenário cada vez mais carregado de conflitos e disputas: diante do vazio criado por ações emergenciais de assistência que com o tempo foram perdendo força - pois esvaziadas de sentido para além da palição - e da falta de outra perspectiva, os (as) catadores (as) prosseguiram a catação no lixão (na continuidade da vida) em situação clandestina, sujeitos à violência e desrespeito por parte dos vigias do local, gerenciado na época por uma empresa terceirizada de limpeza pública, a *Construfert*.

Em meio ao agravamento deste cenário da pobreza exposta, denunciada em seus ecos como questão social iniciam-se, em 1998, articulações políticas para a constituição de uma *cooperativa de trabalhadores (as) com materiais reaproveitáveis* a ser formada pelos (as) catadores (as) de lixo em questão. Esta idéia está direcionada, portanto, no sentido da proposta de viabilização de sua sobrevivência nos termos da construção de um espaço formal para o trabalho de catação de lixo que, de qualquer maneira e como veremos adiante, não deixa de ser explorado economicamente pelos ‘empresários do lixo’ (Magera, 2005) e precário em sua execução.

Neste ponto, é central demarcar que as pressões decorrentes das resistências dos (as) trabalhadores (as), caracterizadas como uma reação imediata à desarticulação ocasionada pelo despejo, geraram uma demanda que foi, por sua vez, assumida como ‘bandeira’ em um campo de disputa político-partidária local. A iniciativa foi assim abraçada, segundo interesses diferentes, por alguns articuladores do poder público (todos ligados ao PT - Partido dos Trabalhadores), principalmente pelos então vereadores Edinho (atual Prefeito, em seu segundo mandato) e Vera (atual Coordenadora municipal do Meio Ambiente, vereadora na época) e pôde contar com o apoio do então Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, Nascimento (atual vereador) e com o protagonismo da catadora Lena, cuja intensa colaboração garantiu a reunião de outros (as) catadores (as) em torno da idéia de organização¹¹:

Agora é que você tem todas as condições de formação de cooperativa em função da miserabilidade dos catadores, eles chegaram ao limite, porque como a Construfert não deixa mais entrar no lixão, eles não têm outra forma de sobrevivência. Eles estão enfrentando pressão física (...). Enquanto eles tinham uma forma de buscar a sobrevivência, eles não se auto-organizaram, e agora eles estão procurando a auto-organização. E esse é um dos fatores que eu acho que pode fortalecer a organização. (Edinho, com gravador, fevereiro, 1999)

As primeiras dificuldades que surgem diante do processo de formação associativa dizem respeito justamente à falta de experiência dos (as) trabalhadores (as) no sentido de, organização coletiva - fatores alimentados por décadas de descaso e assistencialismo, agravados pela fragmentação gerada pelo despejo - e à sua conseqüente insistência em prosseguir com os modos de vida no universo do trabalho realizado no lixão. Tais circunstâncias sinalizam, naquele momento, a necessidade de um compromisso focado em longo prazo para a efetuação do projeto que, na cadência da urgência política, acontece pautado em idéias e protagonismos externos mais do que em vontades e iniciativas dos próprios (as) trabalhadores (as), movidos pelo impulso da sobrevivência mais do que por uma imaginada idéia de ‘auto-organização espontânea’:

¹¹ Este processo está pormenorizado em Adametes (1999).

Nesse período, o movimento de organização foi mais difícil ainda, me lembro que a Lena tinha que, ela teve momentos de achar que não valia mais a pena porque eram poucos [catadores/as interessados em se reunir], mesmo porque havia problemas entre eles, a gente não pode dizer que eles eram uma comunidade unida, que havia um “nós”, nada disso, agora, havia sujeitos que tinham histórias diferentes, que às vezes nem entendiam a idéia do que seria uma cooperativa, mas que estavam sendo impedidos de minimamente escolher que estratégia de sobrevivência tentar [refere-se ao cerceamento do lixão] (...). (Vera, com gravador, fevereiro de 1999)

Naquele contexto, o poder público assume o confuso papel de promotor de direitos e doador compadecido das condições estruturais e logísticas do processo e Lena acaba, nessa esteira e no intuito da luta, por centralizar as ações e decisões, no contrário da racionalidade que compõe, ou deveria compor, as práticas associativas e cooperativas pautadas no voluntarismo e na horizontalização das relações. Às pessoas agregadas ‘no laço’, apesar da potencialidade de coesão por identificação de trajetória, não esteve disposta em momento algum uma proposta direcionada e comprometida de *formação de grupo* - um trabalho no sentido de atenção às suas vivências e demandas reais como saúde, educação, acesso ao conhecimento, ao esclarecimento para uma discussão conjunta sobre o que fazer e introdução às idéias e práticas associativistas -, o que demarcaria um projeto político comprometido com algum nível de mudança social:

O pessoal aqui eu tô trazendo pras reuniões no laço, vou na casa buscar, a gente combina que é dia tal, chega o dia tal e o povo desconversa: “era hoje?” Isso pra fazer reunião lá mesmo, no bairro, que pra sair de lá então, quem sai pra ir lá na cidade? Então essa é a dificuldade maior que eu vejo e que existe mesmo, tem pouca gente que foi nessas duas reuniões que teve com o Edinho. (Lena, caderno de campo, outubro, 1998)

Caracteriza-se, assim, uma dificultosa reunião de diversas pessoas em condições de precariedade e risco em torno de um projeto estrangeiro, porque pouco compartilhado entre os (as) catadores (as) que, apesar de marcar melhorias e avanços, perpetuará mecanismos de dependência. Esta situação gera inúmeros desafios que exigirão destes sujeitos, no decorrer do processo associativo, um complexo exercício cotidiano de adaptação e aprendizagem para o enfrentamento de uma nova realidade pouco reconhecida e pouco incorporada como ‘melhor’ pelos (as) trabalhadores (as). Este teor de verticalização e personalização das relações diante de um quadro descrito pelos interesses de uma decisão política e pela insustentabilidade da situação demarca lugares sociais ocupados pelos diversos atores, que atualmente passam por uma desconstrução a gerar, na prática, novos embates e desafios e, no espaço desta Tese, nos impõe diversas reflexões.

A partir de 2000, a prefeitura de Araraquara é assumida por Edinho que, diante das articulações no sentido de agregar esforços e do contexto descrito, havia lançado em campanha eleitoral o compromisso político da efetivação da cooperativa. Na esteira dos insurgentes cenários políticos nacional e local traçados em redefinidas diretrizes que propõe novos direcionamentos a conduzir a questão pobreza-cidadania, inicia-se o exercício, no município, de outros discursos a balizarem propostas para as abordagens políticas da pobreza e das exclusões geradas nesse registro. Despontam localmente a partir daí, dentre outros, espaços de ação voltados à problemática do lixo numa perspectiva aparentemente diferenciada em relação tanto aos (às) catadores (as), como ao meio ambiente.

A tradição da política local marcada pela assistência, orientada pelo sentimento de compaixão, circunscrita à instância do imediato sob a qual esteve condicionada a presente questão por extensos anos¹², pretende ceder lugar à elaboração de alternativas sintonizadas com as idéias projetadas pelo discurso - realizado ambigualmente em diversos momentos - da *Economia Solidária* cujos princípios pretendem, em sua efetivação, reconduzir os sujeitos ao centro dos processos de sua própria ação no sentido da mudança da racionalidade competitiva à prática da solidariedade, rumo a uma ‘vida melhor’:

¹² As informações captadas indicam que os (as) primeiros (as) moradores (as) chegaram ao lixão em 1980 e que as ações do poder público em relação ao fato alternaram, no decorrer do tempo, uma insustentável e ‘explosiva’ combinação de assistência intermitente e repressão circunstancial.

A economia solidária é ou poderá ser *mais do que mera resposta* à incapacidade do capitalismo de integrar em sua economia todos os membros da sociedade desejosos e necessitados de trabalhar. Ela poderá ser o que em seus primórdios foi concebida para ser: *uma alternativa superior ao capitalismo*. (...) A economia solidária foi concebida para ser uma alternativa superior por proporcionar às pessoas que a adotam, enquanto produtoras, poupadoras, consumidoras, etc., *uma vida melhor*. (Singer, 2002, p. 114. Grifos do autor)

A viabilidade e o incentivo políticos à concretização da idéia da cooperativa de catadores (as) nesse registro intensificam-se paralelamente à referida abordagem do lixo em termos mais amplos exigida no atual contexto global de profundas transformações tecnológicas produtivas em suas dimensões culturais e políticas a gerar limites ecológicos, de desigualdade e de pobreza. A problemática local, até então anunciada pelo viés da precariedade do trabalho dos (as) catadores (as) considerados miseráveis passíveis de ajuda passa, portanto, a ser tratada discursivamente e através de insurgentes iniciativas práticas, do ponto de vista do trabalho e das inserções econômica e social de um contingente populacional cada vez mais empobrecido, atrelada à preocupação com princípios ecológicos e sustentáveis necessários à sobrevivência humana no planeta que chega aceleradamente ao seu limite face à exploração despojada de qualquer senso de equilíbrio que caracteriza o capitalismo.

Consideramos, no entanto, como essa transição política se situa: se estão impressas, nesse movimento descrito, características que indiquem desejo e efetivação da mudança social inscrita na incorporação e aprendizado de um outro posicionamento moral por parte do poder público e de uma outra forma de estar nos processos por parte dos (as) trabalhadores (as) em termos de mudança do olhar de fato, ou simplesmente há uma nova roupagem das mesmas formas de ver enquadradas a partir de idéias como o *ecocapitalismo*, que buscam atenuar, num jogo ideológico, movimentos que têm perpetuado ritmos de produção predatória crescentes de lixo persistente ao meio ambiente, cujo tratamento 'racional' é legado em caráter precário a trabalhadores (as) empobrecidos aos quais o consumo é vetado. (Magera, 2005):

Espera-se que a banalidade do mal (degradação irracional do planeta) não se sobreponha à razão da consciência humana, que as cooperativas de reciclagem do lixo não sejam usadas como uma panacéia e seus integrantes não continuem sendo usados como “vassallos da modernidade” ecologicamente corretos (...). (p.21)

As questões em torno das quais esta Tese é elaborada se situam, assim, neste espaço entre as experiências reveladas em pesquisa de campo pelos (as) catadores (as), de afirmação de sua identidade de trabalhador (a) pelo viés da defesa da atividade da catação como ofício no contraponto da vagabundagem e da marginalidade e os caminhos que começam a ser trilhados no horizonte das ‘novas’ propostas políticas na direção da superação de situações de exclusão social unidas às insurgentes demandas ecológicas.

Consolidada formalmente em novembro de 2002, a **Associação Acácia de Trabalhadores com Materiais Reaproveitáveis** (que consiste em uma usina de *triagem de material em meio ao lixo bruto*, composta inicialmente por 53¹³ pessoas, das quais 45 foram despejadas em 1994, estruturada em um dos espaços pertencentes ao terreno que constitui o lixão), figura como vitória política rumo à realização de um projeto de caráter inclusivo que, de acordo com as falas do poder público, pretende a transformação efetiva da abordagem do lixo e dos modos de vida dos (as) catadores (as):

Pelo que eu acompanhei na época, a idéia era uma cooperativa, mas era mais simples criar uma associação, que depois poderia se tornar uma cooperativa, foi feito assim. A situação era de urgência e havia os meios de formalizar a Acácia como Associação, havia finalmente o espaço político, meios materiais, era o momento de tratar com os catadores em termos mais avançados. (Nascimento, gravador, aniversário da Acácia, novembro, 2004)

Lena (que passa a ser responsável pela presidência da Associação) ressalta, no entanto, o caráter de luta que o processo de consolidação da Acácia carrega, nos

¹³ O número de associados (as) oscila com frequência, num fluxo constante de entradas, saídas e retornos preconizado pelos (as) trabalhadores (as), dado indicativo de questões discutidas no decorrer deste texto.

esclarecendo sobre o lugar ocupado pelos diversos atores ao se constituir em meio a um campo político de interesses e disputas que acabam por dissolver responsabilidades, compondo um projeto realizado com base em parcerias e arranjos vários, não assumido inteiramente como projeto político, cobrado pelos (as) catadores (as) mais como compromisso, obrigação da 'Prefeitura' em relação à garantia das sobrevivências do que percebido como instrumento de mudança:

A Associação saiu porque teve muita insistência, muita luta, não foi presente da Prefeitura. Teve muita articulação e o Edinho assumiu também isso como bandeira de campanha, então a vitória deles é, pra gente, uma conquista de uma coisa que era, vamos dizer assim, uma obrigação aí do pessoal [da Prefeitura], porque todo mundo ficou na rua da amargura [por ocasião do despejo], sem ter como trabalhar. Mas se não tivesse muito tranco e barranco e o interesse político de algumas pessoas, a Acácia não tinha saído. Até hoje muita gente vem aqui e bota a mão e a gente vai passando de coordenadoria em coordenadoria. Cada pedaço daqui é obra de um: o Daae¹⁴ com a estrutura, o terreno é da Prefeitura e o trabalho é nosso, então ninguém assume totalmente. (Com gravador, fevereiro, 2005)

No sentido de garantir uma alternativa de trabalho pautado nos princípios ecológicos da reciclagem, demanda alavancada pela necessidade de encerrar a prática ilegal, corrente até abril de 2005¹⁵, da catação no referido aterro, a Associação representa meio e lugar da dinâmica destas mudanças, catalisando uma série de disputas, expectativas e sentimentos vivenciados de formas diversas entre os (as) associados (as) e o poder público, ao mesmo tempo em que traz desafios e novos elementos críticos a respeito das idéias de inclusão econômica e social, pobreza, cidadania, sustentabilidade. Nessa perspectiva, o lixão se dispõe como problemática mais complexa imposta por um mesmo processo produtivo que anuncia, numa ponta, a crescente pobreza que conduz imensos

¹⁴ Departamento Autônomo de Água e Esgotos do Município em regime de autarquia, atual órgão gestor do aterro e responsável pela estrutura física da Acácia.

¹⁵ Questão desenvolvida adiante.

contingentes de trabalhadores (as) à precariedade e à exploração das atividades informais de trabalho, enquanto traz à tona a ineficiência com a qual nossa sociedade lida com a produção e a destinação do volume crescente do lixo - questão que, por sua vez, nos abre à reflexão a respeito dos atuais padrões de produção e consumo, apenas pontuados aqui.

No início de 2002, retomamos neste ponto a pesquisa e iniciamos esta Tese de Doutorado com o objetivo de descrever e compreender a dinâmica da Associação Acácia em relação tanto à organização do trabalho e aos modos de vida a partir daí instituídos, como dos seus significados para os (as) trabalhadores (as) e de analisar sua relação com o poder público, intensificada recentemente pelo estabelecimento de parceria em um projeto de coleta seletiva no município. Procuramos, nesse sentido, captar *os significados, para os (as) catadores (as), da transição de uma condição de 'excluído (a) para a de associado(a)' - na avaliação da potencialidade emancipatória desta transição - e os movimentos do poder público em relação a essa questão.*

Prosseguimos, portanto, com a narração dos fatos tendo em conta os diferentes olhares para revelar os movimentos inscritos entre *a tutela*, enquanto os (as) catadores (as) estão sem perspectivas, insistindo na catação no lixão vigiado, submetidos às ações assistencialistas e *a pretendida autonomia*, quando passam a construir e fazer parte de um movimento de 'inserção social via associativismo' no qual, por princípio, lhes cabe ocupar o espaço de sujeitos do processo. Em outras palavras, consideramos se *está em curso a construção de uma autonomia por parte dos (as) catadores (as).*

As observações e os relatos obtidos dos (as) trabalhadores (as) no percurso da pesquisa orientados por esta questão indicam inicialmente, como um fio da meada, problema de pesquisa a ser compreendido, as *resistências* que todos (as) venciam e atestam como sentimento coletivo em relação ao despejo e, mais tarde, ao processo associativo. Muito ligadas a referências anteriores de trabalho e aos modos de vida forjados no lixão e ao universo a partir daí constituído no que diz respeito à organização do trabalho, às suas práticas assim estruturadas numa relação estabelecida por extenso período com o desinteresse por parte dos órgãos públicos recompensado sob a forma das políticas assistenciais compensatórias, estas pessoas avaliam e refletem constantemente sobre o que podemos denominar de mudança de situação em curso.

Nesse sentido, a resistência é a marca mais forte dos discursos e das práticas *dos (as) catadores (as) em geral* e se caracteriza como sentimento que atravessa os anos, dos períodos de catação no lixão, passando pelo despejo em 1994, à formação associativa - até os dias atuais. A intensidade com a qual essas práticas ocorrem tem variado de acordo com os contextos, mas como *sentimento* elas caracterizam uma essência das falas captadas nestes anos de pesquisa por figurarem fundamentais nesse constituir, nas memórias destes sujeitos em seu processo de significação de si. Percebemos nas narrativas destes trabalhadores uma oscilação em relação à força desse movimento, que acompanha suas fases de vida e as diferentes etapas de desenvolvimento pelas quais, em processo dinâmico feito de avanços e retrocessos, a Acácia passa em sua elaboração.

Nos momentos em que é possível garantir boas condições de trabalho e um rendimento maior em comparação aos ‘tempos do lixão’, os (as) associados (as) assumem uma postura de maior identificação com a Acácia. No entanto, quando surgem desafios ou dificuldades inerentes ao seu processo específico de formação enquanto iniciativa associativa em meio às difusas relações políticas, percebemos o retorno da intensidade de algo caracterizado como *saudades* de uma época na qual ‘tudo era melhor’ porque havia mais *liberdade*¹⁶, identificação e sentido de pertencimento, fatores amalgamados no decorrer de quinze, vinte anos de catação no depósito:

Liberdade de ser catador de lixo! De andar do jeito que quer e não dar satisfação pra outros. De viver em paz sem ninguém atrapalhar! Lá [aponta na direção do lixão] a gente é o que é, todo mundo sabe, não tem que fazer figura, a gente pode ficar à vontade, que lá é tudo igual, todo mundo igual.

(Resposta de D. Maria, 63, à pergunta “Qual liberdade a senhora fala que tinha no lixão?”, caderno de campo, em sua casa, maio, 2004)

¹⁶ No espaço da rua e em vidas fundamentadas na precariedade - anunciada de várias formas - da ausência dos laços sociais formais, espaços nos quais já se perdeu muito e o que vier é um acréscimo, no imediato da sobrevivência diária que não exclui a capacidade e o exercício do sonho e da projeção do futuro, a liberdade (de essencialmente ser e não responder a ninguém) é a principal idéia a estruturar a organização das vidas. É o que se ganha e, ao mesmo tempo, o que resta na lógica da contrapartida do estigma, da violência, do descaso, da invisibilidade. Esta idéia está presente na grande parte dos estudos sobre catadores (as) e populações de rua, a exemplo dos citados na bibliografia deste trabalho.

Somada aos desafios enfrentados na Associação, esta ‘saúde da liberdade de poder ser catador’ e de ‘estar à vontade’, o que nos remete à idéia de estruturação das vidas no lixão na contrapartida da precariedade ali corrente em suas diversas expressões, reconduziu, até bem recentemente, trabalhadores (as) já associados (as) ao local, onde passam a trabalhar sob o risco da intensificada fiscalização ou ficam frente à total ausência de possibilidades. Numa outra ponta, esse sentimento de liberdade que conduz forte e recorrente argumento ligado à idéia de autonomia às avessas que produz práticas e modos de vida, é o fator que bloqueia os caminhos daqueles (as) catadores (as) que não deixaram o ‘desumano’ trabalho no aterro rumo à Acácia que se dispõe, nesse contexto esvaziado de possibilidades, cada vez mais como único espaço de aglutinação destes (as) trabalhadores (as) em torno de uma proposta anunciada todo o tempo como *alternativa de sobrevivência ‘mais digna’*:

Então a nossa maior dificuldade hoje é convencer quem tá fora do projeto, nós não queremos as pessoas entrando e trabalhando lá em cima do lixão daquele jeito, porque lá estão em contato com doenças seriíssimas, que pode pegar um problema de infecção e tirar a vida de uma criança como aquela, porque lá as pessoas trabalham praticamente tendo que chafurdar no lixo como se fossem um animal, não é certo, nós não queremos aquilo! Reciclador é uma profissão, uma profissão digna inclusive porque cuida do meio ambiente (...) (Edinho em discurso dirigido aos (às) associados (as) no 3º aniversário da Acácia, novembro, 2004)

Cabe aqui a seguinte reflexão: na “gramática do poder”, catador vira reciclador, agente ambiental, defensor da natureza¹⁷. Na Acácia, o trabalho ainda é predominantemente de seleção de material reciclável em meio ao lixo bruto num ritmo industrial impresso pela esteira de triagem - esse material não é reciclado, é preparado para a venda a comerciantes de acordo com suas exigências que, por sua vez, o revendem às empresas geradoras das demandas, numa cadeia de valor agregado na qual sabemos quem, numa ponta, retém menos lucro e na outra, em distância abismal, institui esse valor. Se a organização destes

¹⁷ Felipe Luiz Gomes, mimeo, dezembro, 2005.

sujeitos em cooperativas - apoiadas por *Ongs*, Igrejas, Instituições Sociais e pelo Governo do Estado de São Paulo através do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (Magera, 2005) - representa uma alternativa para fortalecer suas possibilidades de sobrevivência em termos mais 'dignos', também pode significar a continuidade das situações de exploração a serviço exclusivo dos interesses do mercado capitalista sob o véu da promoção da cidadania - tudo depende da orientação e do posicionamento adotados em torno da questão.

Em meio a estes movimentos buscamos perceber, portanto, entre as conquistas oficiais e o sentir do grupo, as ressignificações das vidas a partir desse processo a fim de compreender em que medida associar-se, organizar-se formalmente, representa hoje para os (as) trabalhadores (as) uma estratégia de realização de *inserção social*. Refletimos a respeito dos sentidos de pertencimento, ou até *que ponto há conquista e percepção de sua autonomia, de se saber sujeito de direito*, condição possível somente fora das fronteiras do lixão. No interior das lógicas que operam mecanismos de classificações dicotômicas entre as imprecisas idéias de inserção e exclusão sociais, o lixão é um espaço marginal, território negado em relação às *fronteiras sociais*, no qual as existências são anuladas pela impossibilidade de serem reconhecidas, onde os documentos e registros burocráticos não estão presentes a conferir cidadania¹⁸. Local dos não-direitos, o depósito se estabelece como espaço da necessidade a ser suprida no ritmo do imediato, por iniciativas de tradição assistencial arraigadas em raízes filantrópicas que remontam ao Brasil colonial (Telles, 2000).

No decorrer da pesquisa, nos deparamos com um processo dinâmico de intensa negociação: os posicionamentos e os 'sentires' têm sido constituídos no diálogo entre os (as) trabalhadores (as) e as diversas parcerias articuladas em seu trajeto com o poder público, ONGs, universidades, movimentos populares e outras iniciativas no fôlego

¹⁸ "(...) as divisões do tempo, a duração das partes assim fixadas, resultam de convenções e costumes e (...) exprimem também a ordem, inelutável, segundo a qual se sucedem as diversas etapas da vida social". (Halbwachs, 1995, p. 90)

A grande maioria dos (as) trabalhadores (as) do lixão sequer possuía Registro de Nascimento, os primeiros documentos foram providenciados por ocasião da formalização de sua inclusão na Acácia. Em pesquisa de campo, referências ao *tempo* - marcadores dos compassos das vidas - foram informadas a partir dos acontecimentos vivenciados coletivamente -: "*Quando meus filhos era tudo pequeno, era no antigamente lá do lixão, bem no começo que eu ia catar*". (D. Lurdes, 1999); "*Tô falando daquela época lá que os guardas da Construfert começou a correr nós de lá (...)*". (D. Maria, 1995); "*No tempo da Deodata [vereadora em 1994] nós não passava necessidade (...)*". (D. Divina, 2004)

'associativo-solidário'. Desde sua formalização, a Associação passa por diferentes fases nas quais observamos avanços e resistências em relação à formação de um sentido de coletividade pelo grupo - aprimorado gradativamente, de forma não linear e sob a força das demandas cotidianas, através da incorporação das idéias de direito à voz, voto, participação - e, a partir daí, do exercício de pertencimento. Embora nos posicionemos criticamente em relação às potencialidades de transformação social que conteriam *em si* as iniciativas associativas não podemos deixar de considerar, se olharmos para os meandros dessa experiência narrada, que se efetiva - formal e subjetivamente - uma passagem "das margens para dentro" na ocupação de um espaço no qual 'ser catador (a)' passa a se realizar a partir de novos referenciais que exigem a mudança interna, a mudança das formas de se posicionar no mundo.

Balizada pelo discurso da *Economia Solidária* e compreendida como local de práticas e vivências de aprendizados que abrem brechas ao exercício da inserção formal (consideradas devidamente as dimensões e características desta progressão), a Acácia se projeta a uma escala mais ampla na qual têm figurado, nos últimos anos, movimentos sociais de dimensão nacional de luta contra a exclusão que funcionam como pontes entre as questões locais, nacionais e globais, em afirmação de propostas solidárias. Tais movimentos que encontram, nos últimos Fóruns Sociais, vias de interação e organização, são protagonizados por uma parcela da população em situações de precariedade de trabalho e vida que têm somado esforços e estabelecido parcerias para obter visibilidades e operacionalizar articulações. Nessa orientação organiza-se em 2001 o *Movimento Nacional de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis (MNCR)*, coletivo que reivindica a participação do (a) catador (a) em todas as etapas da cadeia produtiva da reciclagem do lixo - coleta, separação, reciclagem e distribuição - através de sua formação política e auto-organização em cooperativas, em defesa da implementação de projetos de *coleta seletiva*:

Então nossa forma de organização é em cooperativas e associações orientadas por princípios solidários que é a união de pessoas da mesma profissão, que somos nós, são todos os catadores reunidos dentro de um espaço, trabalha de forma coletiva, em regime de auto-gestão (...). E a nossa meta é: trabalho com material já selecionado; é lutar pela coleta seletiva nos municípios (...) e dar formação para o

catador ter condições de encarar o mercado ainda dominado pelos empresários da reciclagem. (Marcão, apresentação do MNCR no 1º Encontro de Catadores (as) de São Carlos e Região, com gravador, novembro, 2004)

A Associação Acácia está, assim, no foco dos direcionamentos atuais dos movimentos e das políticas públicas que buscam, num redesenho das práticas e ações no tratamento das situações de exclusão produzidas pela pobreza, a reintegração social de populações consideradas neste registro pela via da criação de associações e cooperativas geradoras de emprego das capacidades profissionais e renda diante de situações emergenciais. A idéia é a multiplicação de uma rede de iniciativas deste caráter que, em parceria, possam preencher e interligar espaços esvaziados de perspectivas e produzir mudanças rumo à transformação social. Neste ensejo estabelece-se em Araraquara, a 19 de novembro de 2005, a implantação do **Programa de Coleta Seletiva Solidária** que segundo Laerte, responsável pela Coordenadoria de Economia Social e Solidária criada nesse mesmo ano, “(...) *pretende incentivar a Economia Solidária, por meio do apoio à formação cooperativa e criar a cadeia produtiva da reciclagem de matérias recicláveis*”. (< www.setorreciclagem.com.br>. Acesso em 02/12/2005)

O Programa, discutido por um conselho gestor formado por membros de todas as instâncias parceiras¹⁹, consiste na coleta domiciliar e posterior triagem e tratamento do material doado voluntariamente pela população incentivada pelas idéias-chave da preservação ambiental e da geração de renda para trabalhadores (as) reconhecidos por seu papel ‘ecológico’ e ao mesmo tempo ainda vitimizados por um olhar social que os (as) classifica pelo viés da relação lixo-resto: “*Eu acho ótimo, a melhor coisa que poderia ser feita é o material reciclado. É limpeza para a cidade e dinheiro para essa gente*”²⁰. A operacionalização do programa conta com a estrutura e o trabalho da Acácia em parceria

¹⁹ Projeto promovido pela Prefeitura Municipal através da Secretaria de Desenvolvimento Urbano por meio da Coordenadoria de Meio Ambiente em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, a Coordenadoria Executiva de Economia Social e Solidária, a Secretaria de Governo, por meio da Coordenadoria de Participação Popular, a Secretaria de Obras e Serviços Públicos, o Daae e a Acácia.

²⁰ “Essa gente” é o (a) trabalhador (a) cuja fonte de sustento é o lixo doado voluntariamente por um ‘senso ecológico’ ainda confundido a um sentimento de compaixão que institui o gesto da ‘ajuda’. (Depoimento de uma senhora aposentada, divulgado pela Assessoria de Imprensa do Daae em 22/08/2005)

com os *Ecopontos* - iniciativa implantada em 2004 que empregou 13 trabalhadores (de diferentes trajetórias em relação aos/às catadores do lixão) para receber e coletar material em 2 bairros da cidade: “O *Ecoponto* hoje é um ensaio, é assim, um projeto piloto pra gente aprender como a gente vai colocar toda essa gente na coleta seletiva [refere-se aos/às catadores/as de lixo de rua²¹] (...)”. (Luciano, então gestor de projetos de geração de trabalho e renda da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, através da qual o projeto é implementado)

Nesse sentido, a Associação se torna parceira da Prefeitura em um projeto de caráter ambiental ao passo que esta é viabilizadora de uma ampliação de espaço de ação, geração e possível aumento da renda no longo prazo para os (as) catadores (as) que passam, ainda que fragilmente, a ser reconhecidos (as) como *agentes ambientais* pela população, num processo de constituição de uma visibilidade social em termos de valores positivados pela formalização. Este processo de formalização está carregado, no entanto, de uma série de exigências estabelecidas legalmente em relação ao funcionamento e organização da Acácia (que *deve* se adaptar institucionalmente para ser parceira), revelando uma situação de fragilidade, precariedade do trabalho e pouca autonomia da Associação no decorrer de sua formação.

A inserção na Acácia de trabalhadores (as) vindos dos *Ecopontos* com trajetórias, vivências e, portanto, práticas de trabalho diferenciadas, em meio a outras mudanças como a transformação de sua identidade institucional de associação para cooperativa que chega, por sua vez, como condição imposta - para a participação desta como parceira no Programa Coleta Seletiva Solidária - pela Delegacia Regional do Trabalho, reforçada pelo Daae, responsável pelo seu funcionamento estrutural, são fatores desafiantes para os sujeitos desta pesquisa:

Isso [a passagem para o estatuto de cooperativa] foi exigência da DRT, senão ameaçaram de fechar, essas coisas... Já tá quase formalizado, mas pra gente aqui

²¹ O universo da catação é heterogêneo, composto: por trabalhadores (as) de outros setores que acumulam esta prática em relação a materiais específicos como latas de alumínio; por catadores (as) de rua mais empobrecidos que andam à pé ou com carroças puxadas ou não por animais (o que já caracteriza distinções); por catadores (as) que realizam a coleta direcionada aos estabelecimentos comerciais ou condomínios geralmente com veículos motorizados; por catadores (as) de lixões. As trajetórias e vivências operam diversas distinções entre os trabalhadores (as).

na prática do dia-a-dia não muda nada, é que como cooperativa eles falam que tem mais facilidades assim de financiamento e no caso dos direitos trabalhistas também tem uma melhoria... (Lena, caderno de campo, dezembro, 2005)

O fato de Lena afirmar naquele momento e em nome do grupo, que não percebe diferenças na mudança do estatuto ao passo que está ciente das melhorias que a transição acarretará no nível dos direitos trabalhistas indica que esse processo ainda está pouco compreendido em sua dimensão mais ampla, que exigirá uma recomposição das relações organizacionais - muito pautadas em centralizações - que serão sentidas e percebidas na prática, no decorrer do processo. A pouca compreensão decorre do ritmo acelerado dos acontecimentos e de seu caráter mais uma vez externo em alguns pontos, ao mesmo tempo em que a parceria com a Prefeitura no projeto de Coleta Seletiva anuncia novos rumos positivos à Associação, pois implementa a mudança da qualidade do lixo ao inaugurar uma cadeia de reciclagem, o que fará diferença fundamental no caráter do trabalho operacionalizado. *Mas até que ponto esse fato elimina as relações de exploração características do universo da catação?*

Na captação do trajeto destes sujeitos, das franjas do lixão (um primeiro momento/ “o passado”) ao trabalho associativo (segundo momento) e à coleta oficializada às portas das casas em parceria com a Prefeitura (terceiro momento), as falas obtidas e a percepção do campo de pesquisa revelam, atualmente, *estares* em transição num oscilar entre um tempo passado expresso na idéia recorrente de que “no lixão era (é) melhor” e o presente, momento de construção de um sentido de grupo voltado para a proposta (anunciada sempre ‘de fora’) de ultrapassagem da condição de exclusão em meio a um contexto de parceria, que funciona como elemento simultaneamente facilitador e complicador, gerando uma situação de encruzilhada na qual diferentes atores estão em ação: poder público, novos agentes, catadores (as) de diferentes ‘naturezas’:

Aqui na Acácia, como você vê, de vir aqui, andar aí por tudo, tem muitos hábitos que o povo traz do lixão, né, de levar comida pra casa, essas coisas. É uma mistura

do jeito de ser lá dentro [do lixão] e aqui porque vai mudando e o povo tem que acompanhar. (Lena, caderno de campo, na Associação, outubro, 2004)

Lidar, nos termos e ritmos descritos, com a mudança radical da organização do trabalho (no lixão e na Associação), entrar no mundo associativo e formal, situar-se e tornar-se visível publicamente, ser parceiro (a) são movimentos que requerem uma série de novos aprendizados e reformulações, o que tem sido um desafio compartilhado de diversas maneiras pelos (as) catadores (as) que compõe a Acácia desde seu início. Procuramos, neste momento, perceber sob diversos olhares estes diferentes lugares ocupados desigualmente no processo a fim de compreender esta encruzilhada: *até que ponto a parceria da Acácia com o poder público é sua escolha e até onde se constitui como exigência atribuída institucionalmente que ainda carrega, pesados, traços de assistência - no sentido de concessão, dádiva - e estigmas vários?* Em outras palavras, *Qual lugar a Acácia ocupa no processo de negociação de parceria?*

Os depoimentos e a pesquisa de campo (meu contato com os/as catadores/es é constante e não se limita à pesquisa, pautado numa relação de troca constituída nestes anos) informam, como já afirmamos, que ocorrem inserções tanto no nível formal do trabalho como no simbólico na construção de um sentimento oscilante de pertencimento em relação à Acácia, denunciando fragilidades. Para a maioria, em primeiro lugar ainda é lançada na balança das perdas e ganhos a diferença entre ‘ser livre no lixão’ e ‘vestir a camisa da Associação’ o que demarca, sobretudo, um compromisso formalizado, uma disciplina e ritmo diferentes que exigem o aprendizado da ação e da iniciativa, já que rompidas as linhas da assistência. Este é o lugar de onde a Acácia vai dialogar com o poder público numa relação construída com base em personalismos situados, por sua vez, entre os direitos e as dádivas e, por isso, geradora de tensões.

Não podemos preterir o fato de que há avanços obtidos nesta trajetória - da saída do lixão, passando pela constituição do processo associativo aos dias atuais - que têm construído *espaços de inserção* nos quais habitam os *fazeres em reconstrução*, vivenciados diversamente entre os (as) trabalhadores (as), apontados para a busca de um renovado lugar social. No entanto, modificar para transformar sua condição requer um reconstruir identitário num movimento de resignificação da vida. Um processo que implica, para os

(as) catadores (as), na necessidade de não perder as raízes que sustentam uma “cultura” que, fundas, foram alimentadas com tanto trabalho e enfrentamento no lixão, enquanto se recompõe nova folhagem, na Associação:

(...) tem uma série de dificuldades a serem enfrentadas. Pra começar, eles [associados/as] não têm a noção muito clara do que é uma cooperativa, assim, não incorporam isso aqui como sendo deles também; por isso temos um comportamento individualista, muitas faltas, olha ali o quadro²²... Como era antigamente no lixão, cada um cata para si, se não quer, não cata; daí o que você me perguntou sobre autonomia [no sentido da organização do trabalho], nesse sentido lá era maravilha! Aqui tem horário e não tem a cultura. Não tem a cultura da higiene [inscrita na questão dos modos de vida] também, é difícil mudar os comportamentos que estão, assim por dizer, viciados mesmo. (Lena, caderno de campo, na Acácia, fevereiro, 2004)

Se podemos, por um lado, afirmar que houve/está havendo um processo de visibilização e significativas mudanças da condição dos (as) catadores (as) conquistadas pela sua inserção formal no mundo do trabalho, inscritas em seu reconhecimento social/identidade enquanto trabalhador (a): “Desse lado é bom, que agora a gente pode fazer uma conta numa loja e dizer que trabalha na Associação, que tem tudo os documentos” (D. Lurdes, 70 anos, na Associação, maio de 2004), por outro, o depoimento anterior de Lena pontua as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia da Associação para que a *internalização* desta identidade se efetue plenamente e se reflita nas práticas.

A análise dos depoimentos relacionados a esta questão (*o que muda nas vidas neste trajeto?*) revelou que a percepção dos (as) associados (as) em relação às transições vivenciadas (compreendidas em seus múltiplos aspectos econômicos, sociais, simbólicos) - se estas acarretam mudanças em suas vidas - pode ser subdividida em três grandes grupos

²² Indica um grande quadro onde são registradas as faltas que fica bem visível, próximo ao livro onde se registram manualmente as presenças funcionando como estratégia organizacional própria de formações associativistas, nas quais o trabalho e o lucro são coletivizados.

de narrativa que caracterizam as falas e os lugares ocupados por cada um, o que nos permitiu uma visualização bastante geral a indicar pistas:

1. Falas realizadas especificamente pelos (as) trabalhadores (as) na faixa etária a partir de 60 anos:

Quando não há reconhecimento explícito de mudança, embora haja indicação do que chamamos de *fatores de positivação* muito ligados à segurança:

O que é que muda? Muda nada essa vida, não! Essa usininha²³ eu já trabalhei muito nela, entrei e saí, do tempo da Construfert. O quê que mudou? Muda que agora lá no lixo nós não entra mais, uma tristeza... Aqui também tem isso de bom, que nós trabalha sossegado. (D. Lurdes, caderno de campo, na Acácia, outubro, 2004)

Aqui o trabalho é outro, né filha? É mais trabalhoso, mas tem essa vantagem de ter, de dizer que tem onde trabalhar, o lugar certinho, que lá no lixo [lixão] tava ruim com os guarda, entende? Mas a vida mudou nada, nem posso dizer pra você, que pra mim é igual, se não fechava o lixão, nós tava lá de certeza. (D. Divina, 65 anos, caderno de campo, na Acácia, outubro 2004)

A vida da gente é essa, né, lá na usina e no lixão, a diferença é o trabalho que muda, mas pra nós é igual, fora que na usina tem menos liberdade, tem os horário, tá certo que é mais organizado, eu fico nas garrafas, tirando tampa, é mais sossegado que catar com medo de guarda, né? Mas vou dizer pra você, menina, que tenho é saudade do tempo bom lá de cima... Quem dera nós estar lá... [refere-se ao lixão, em momentos em que a vigilância recuava] (D. Maria, 63 anos, caderno de campo, em sua casa, novembro de 2004)

Para as gerações mais antigas, os relatos indicam que a transição é mais difícil, pois o tempo sedimenta as formas de ser. Essa idéia está em reflexão na apresentação das

²³ Refere-se à estrutura para a reciclagem onde opera a Acácia. O diminutivo indica familiaridade com o local.

trajetórias de 3 catadoras - em suas falas o lixão é apresentado como “um tempo bom”: “*Ali a gente era amigo, catava, tinha muito material, a gente até fez nossos barraquinho lá, era animado*” (D. Maria, caderno de campo, em sua casa, maio, 2004)

2. Falas predominantes:

Quando há reconhecimento da mudança associada ao lugar social adquirido pelo estatuto de associado (a):

Eu acho que a Associação não é melhor nem pior, é o que tem, né? Uma coisa que mudou, foi que a gente tem mais conhecimento [reconhecimento] na cidade, tem o uniforme, a Acácia é um lugar de trabalho, que antes, dizer ‘eu trabalho lá no lixão’, ninguém tinha ali como um lugar de trabalho. Também aprendi, fiz curso ali dentro, de reciclagem... Mas te dizer que minha vida, eu, continua tudo igual, né? (D. Rosalina, 47 anos, caderno de campo, em sua casa, maio, 2004)

Só não vê que mudou aqui na usina da época do lixão quem tá ruim da cabeça! Aqui tem como dizer que trabalha na Acácia, tem o nome de onde a gente trabalha e lá no lixão não podia dizer “trabalho no lixão”, que não era nome de firma, nada! Essa pra mim é a diferença maior, de resto é igual, a gente trabalha até mais, ganha a mesma coisa, só tem vez ou outra que ganha mais... (Marcão, cerca de 30 anos, caderno de campo, Acácia, setembro de 2005)

3. Fala única:

Quando há reconhecimento de uma consciência adquirida associada à formação política:

Eu posso dizer que aos poucos, indo nos eventos, nas reuniões, eu fui mudando, agora já tenho uma outra consciência, mudou meu jeito de ver as coisas, teve minha formação política também, de entender melhor que eu não quero cesta básica que tem o refrigerante “x”, eu quero ir no mercado escolher e comprar Guaraná Antártica, isso eu entendi que é assistencialismo. Mas o pessoal aqui só

conheceu essa vida, é difícil mudar, é difícil largar a cultura antiga... (Lena, 48 anos, presidente da Acácia, gravador, novembro, 2004)

Aqui é importante pontuar que a trajetória de Lena se diferencia das trajetórias da maior parte dos (as) catadores (as) em questão, pois desde o início do processo de constituição associativa ela já havia estabelecido uma relação partidária, por ser filiada ao PT iniciando, por esta via, um exercício de formação política. A partir de então, passa a participar mais recentemente do Movimento Nacional dos Catadores (as) e dos fóruns estaduais e nacionais relacionados à questão, adquirindo novos posicionamentos através da elaboração de um outro olhar adquirido nestas trocas. No entanto, suas foram iniciativas foram individuais e não podemos dizer que os (as) associados (as) em geral compartilham essas experiências, apesar de Lena levar à Acácia e às situações de mediação com o poder público seu aprendizado nesse trânsito realizados nestas diversas instâncias.

Muitos passos foram dados no longo caminho trilhado por estes (as) trabalhadores (as) nos últimos dez anos: numa perspectiva ampliada, pontes estão sendo construídas em luta e resistências múltiplas entre estes sujeitos e os espaços possíveis de inserção, mas a conquista efetiva desta condição em termos de transformação social tem a ver com os pontos em que as mudanças são incorporadas. Acreditamos, com base nos dados captados e das nossas incursões em campo, que a realização plena desta etapa ainda está numa outra ponta da extensa jornada. Para alcançá-la é importante que se reconheça a importância dos movimentos sociais como aglutinadores e espaços dinâmicos de reflexão, como via de aprendizagem política e ampliação de referências, para que se possa perceber as armadilhas dos discursos e ações paliativas e posicionar a luta no nível do combate pela raiz, à racionalidade de um sistema produtivo inclassificável em seus mecanismos destrutivos:

No Movimento, a primeira coisa que nós trabalhamos é a auto-estima. Porque o catador é talvez o trabalhador mais marginalizado, por trabalhar com o lixo que é considerado a pior coisa, ainda não temos a consciência do lixo como alguma coisa que tem valor. Então o catador, se não é valorizado, não se valoriza e, sozinho, é difícil perceber até que sua atividade é um trabalho. Por isso o nosso

foco principal de luta foi o reconhecimento oficial do trabalho do catador. A partir daí, tem que trabalhar por dentro de cada um e mudar a consciência, pra transformar. (Marcão, MNCR, 1º Encontro de Catadores (as) de São Carlos e Região, com gravador novembro, 2004)

Nota sobre o caráter dinâmico do campo de pesquisa

Quem deseje atinar com a dor de cidadãos rebaixados precisa demorar-se entre eles, precisa repetir e prolongar as visitas, prolongar a prosa. Pode chegar à amizade que é como uma cura para a nossa ignorância e para nossa arrogância.

Fernando Braga da Costa

Captar, para compreender, as trajetórias de vida destes (as) catadores (as) de lixo em dois momentos diversos, no espaço do lixão e na Associação Acácia, significa entrar em contato com vidas inscritas nas dinâmicas das instabilidades traçadas no registro da pobreza extrema que descrevem movimentos de idas e vindas em relação ao universo do trabalho e às perspectivas dele decorrentes. A pesquisa de campo se caracteriza, assim, pela percepção do cotidiano destas pessoas diante da intermitência: apreender dados mais objetivos que figurariam iniciais para a realização desta, como nomes e idades das pessoas, número de filhos, relações de parentesco, apenas foi possível pela constância das incursões e pela elaboração de proximidade estabelecidas no longo prazo. Os ritmos das entrevistas que inicialmente derivaram de conversas informais, através das quais aprendi a reconhecer um universo até então totalmente desconhecido, composto por fazeres e estares afirmadores de nossa distância social, exigiram muitas e prolongadas abordagens: recebi no decorrer dos encontros o que gradualmente se disponibilizava, procurando exercitar novos olhares à medida que compreendia os processos e relações sociais a estruturar sua realidade. Nessa cadência compartilhada foi se constituindo o meu estar em campo em “atitude de escuta metódica, refletida e atenta” (Bourdieu, 1997), numa aprendizagem recíproca:

Só a reflexividade, que é sinônimo de método, mas uma reflexividade reflexa, baseada num “trabalho”, num “olho sociológico”, permite perceber e controlar *no campo*, na própria condução da entrevista, os efeitos da estrutura social na qual ela se realiza. (Bourdieu, 1997, p.694, grifo do autor)

Nos primeiros contatos com o lixão ocorridos sistematicamente num período de três meses, entre o final de 1993 e o início de 1994, experimentei grande dificuldade, gerada pelo impacto agressivo daquela realidade reveladora da imensa desigualdade social registrada na precariedade do trabalho, nos corpos, nos hábitos, em organizar as imagens que, à primeira vista, revelaram adultos e crianças à catação pouco ordenada de material em meio ao lixo que dispomos, na maioria das vezes sem critério, para longe de nosso alcance. Insistência, tempo e disponibilidade para lidar com uma diversidade grande de informações silenciosas foram fatores imprescindíveis para realizar possíveis recortes numa busca de organização dos elementos, de percepção mais sistematizada²⁴.

Ao final do primeiro mês de observação e troca de poucas palavras, pude considerar uma presença predominante de mulheres e de adultos compondo um grupo fixo de 50 pessoas que trabalhavam com frequência, constância e método, para o qual passei a direcionar mais atentamente o olhar. Intensifiquei as abordagens e expus meu interesse em entender a divisão do trabalho inscrita em diversas etapas da atividade, a linguagem e as expressões utilizadas e, nesse momento, recebi a contrapartida das explicações, muitas vezes orgulhosas, dos (as) catadores (as) em relação ao seu ‘ofício’:

Se você quer saber como nós trabalha, que é um ofício que nós leva aqui, é só ficar olhando que nós vai explicando, que tem muita coisa, o pessoal pensa que é fácil, não é não! Tem que saber! Primeiro tem que ver os saquinho que vai abrir, depois tem que dividir os material, amarrar, separar os vidro assim por cor, dá um trabalhão! Tem os tipos de papel também que é muito, vai perguntando, viu, vai vendo o que você quer saber!” (D. Maria das Graças, na época com 62 anos, caderno de campo, início de 1994)

O fato de ter demonstrado interesse e respeito por sua atividade me possibilitou uma aproximação através da qual identifiquei famílias, pude distinguir parentescos e o teor das relações no decorrer de conversas nas quais era informada, exclusivamente pelas mulheres, de fatos cotidianos, acontecimentos passados, impressões gerais sobre a vida. Foi

²⁴ Meu primeiro contato com o lixão realizou-se enquanto era estudante da Graduação em Ciências Sociais ao participar, como voluntária, de um grupo de pesquisa da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da UNESP/Araraquara que investigava a incidência de casos de leptospirose no local.

